

LITERATURA INDÍGENA E SUAS PERSPECTIVAS DE ENSINO: UMA LEITURA DE “CONTOS DA FLORESTA”, DE YAGUARÊ YAMÃ

Natacha Gomes de Paula¹

Dr. Paulo Henrique Pressotto²

Eixo temático: 6) Literaturas indígena e LGBTQI+.

Resumo: Por meio da literatura é possível visualizar vários aspectos e características de determinada cultura. Dessa forma, o artigo em questão, trará uma leitura de dois contos da obra literária indígena **Contos da Floresta**, de Yaguarê Yamã, buscando demonstrar seus principais sentidos e qual sua contribuição para a transmissão de conhecimento. Sendo uma narrativa de autoria indígena, sua proposta é propagar e disseminar outra visão a respeito dos povos indígenas que, durante anos, foram retratados com base em estereótipos e preconceitos. Além disso, essa literatura tem se concretizado no Brasil, é distribuída em inúmeras escolas por meio do programa PNBE (Programa Nacional Biblioteca na Escola) do Governo Federal. Assim, objetiva-se aqui trazer possibilidades de ensino/aprendizagem para esse tipo de textualidade, proporcionando aos alunos ferramentas para se aproximarem dessas culturas. A narrativa aqui analisada traz consigo a representação indígena tais quais seus conceitos e crenças, porque permite fazer diversas reflexões a partir de mitos e lendas que descrevem a essência do povo indígena, em especial da etnia Maraguá. Quanto à metodologia, recorreu-se a pesquisas bibliográficas de livros e teses, cujos temas estavam relacionados à literatura infantil em sala de aula, literatura indígena e educação, visando reunir os conceitos bases para a análise da obra.

Palavras-chave: Literatura infantil indígena. Yaguarê Yamã. Educação

INTRODUÇÃO

O lócus enunciativo, durante anos, pertenceu à classe colonizadora do primeiro mundo. Os indígenas, sendo considerados povos subalternos de terceiro mundo foram silenciados décadas a fio, mantendo sua tradição e costumes apenas em seu círculo de convivência via histórias contadas oralmente, conhecimentos que foram passados de geração em geração. A partir dos anos 90 foi que autores

¹ Discente do curso de Letras Port/Espanhol da UEMS- Dourados. natacha_gomes10@hotmail.com

² Docente do curso de Letras Port/Espanhol da UEMS- Dourados. paulopressotto@uol.com.br

indígenas trouxeram para as narrativas sua própria voz, como forma de protesto, libertação e defesa de identidade e, cada vez mais, tais histórias vêm ganhando visibilidade e ascensão; para Munduruku (2018, p.1), “A escrita é uma conquista recente para a maioria dos 305 povos indígenas que habitam nosso país desde tempos imemoráveis.”, até então eram representados apenas pela visão e voz de outro.

Pode-se dizer que o gênero o qual esses autores vêm se identificando é a literatura infanto-juvenil. Foram detectados vários escritores que aderiram a esse tipo de escrita e, neste artigo, será destacado o escritor Yaguarê Yamã, que nasceu no Amazonas e pertence ao povo indígena Maraguá, possuindo vários títulos de livros publicados, entre eles o denominado “*Contos da Floresta*” que será analisado sob a justificativa de ser uma importante ferramenta dentro da sala de aula, não só pela sua forma, caracterizada pela junção de vários mitos e lendas que certamente foram passados da oralidade para escrita, mas também pelo conteúdo destes textos que, em sua essência, trazem aspectos da cultura indígena capazes de transmitir ao aluno conhecimento, compreensão e valorização sobre o que é o outro.

O levantamento desta investigação e discussão tem por base a Lei nº 11.645/08, a qual obriga a abordagem de temática indígena nas escolas, através da literatura, arte e cultura. Dessa forma, a metodologia abordada está relacionada à busca de livros e artigos que estão tratando dessa temática de literatura indígena infantil nas escolas, para verificar como essa vem sendo trabalhada e qual a possibilidade de ensino que o livro, já citado, pode contribuir para de fato colocar em vigor essa lei, uma vez que ele é distribuído nas escolas pelo programa PNBE (Programa Nacional Biblioteca na Escola) e está baseado em fatos concretos da realidade cultural indígena, já que a autoria da escrita está nas mãos dos próprios protagonistas de realidades que até então foram estereotipadas.

Dessa forma, o trabalho considerou como objetivo geral investigar a importância da literatura indígena, que incentiva o respeito, e o reconhecimento desta cultura que demonstra toda base ancestral do povo brasileiro. A base deste trabalho será a análise de dois relatos, “As Makukáwas” e “Dois velhos surdos”, pertencentes ao livro **Contos da Floresta**, estes estão divididos entre mitos e

lendas, cujas principais temáticas estão ligadas às crenças relacionadas à vida e às leis da natureza, bem como à rotina, aos medos e aos conflitos de um povo, possuindo um caráter mágico, misturado com um leve toque de humor. Logo depois, a análise mostrará a relevância do conhecimento de histórias escritas por indígenas, principalmente nas escolas, pois fornece múltiplos conhecimentos tanto para professores quanto para os alunos, essas são contribuintes para a formação de sujeitos conscientes das memórias de sua história, bem como da história do outro.

A seguir será apresentada uma contextualização a respeito da literatura infantojuvenil indígena, seguida pela análise do livro, suas características relevantes e alguns pontos sobre a cultura indígena. Por último, serão apresentadas as possibilidades de ensino/aprendizagem dessa obra no espaço da escola, visto que tem uma carga cultural e identitária marcante que pode auxiliar na formação social.

1 A LITERATURA INDÍGENA INFANTOJUVENIL

A tradição indígena estava voltada para “contação” de histórias de maneira oral, em que havia um ancião responsável pela transmissão de conhecimentos, o qual reunia todos a sua volta e começava a tecer histórias, mitos e lendas que tinham consigo toda memória e identidade de seu povo. Aqueles que o escutavam, guardavam dentro de si toda essência e depois, ao longo das gerações, transmitia, a fim de deixar registrado todos os feitos de seu povo ao passar do tempo. Porém, por se tratar de oralidade, nem todos de fora da comunidade, como os não-índios, tiveram a oportunidade de conhecer essa raiz cultural, por isso os indígenas sofrem com a incompreensão destes sujeitos, por falta do não conhecimento, de fato, do verdadeiro estilo de vida, das crenças e ideologias que esses possuem.

Indícios de mudança começaram a surgir a partir da década de 1990, quando surgem as literaturas brasileiras de autoria indígena, “Utilizando códigos culturais que lhes são próprios, os autores indígenas podem ressignificar a representação realizada por outrem, desde o século XIX”. (DORRICO, 2018, p.228). As vozes foram silenciadas, e sua cultura foi descolada para uma posição desprivilegiada; mas, com o lócus enunciativo em sua mão, o autor traz à tona as reais histórias de suas raízes ancestrais, de seus saberes, conhecimentos e tradições que, outrora,

fora representado de maneira equivocada, o que causou ao sujeito indígena anos de exclusão e desvalorização: “A literatura indígena brasileira contemporânea, nesse sentido, é uma expressão vinculada ao *lugar de fala*” (Dalcastragnè, 2012, apud, DORRICO, 2018, p. 230).

Levando em consideração esta perspectiva, a literatura infantojuvenil indígena apresenta aos jovens e adolescentes leitores, através de suas várias possibilidades, a oportunidade de conhecer, experimentar e visualizar, a partir da imaginação, as realidades sociais e culturais do seu povo. O misto de realidade e ficção carrega a identidade, as histórias e as crenças, designadas tanto para informar e levar conhecimento, como quebrar preconceitos e estereótipos a partir do fortalecimento das principais memórias e feitos dos povos no decorrer dos tempos.

Essas novas vozes, portanto, têm a função de enunciar suas pertencas ancestrais de modo criativo, e nessa esteira, desconstruir noções sedimentadas que se conservam no imaginário popular sobre elas, marcada por um viés negativo e preconceituoso. (DORRICO, 2018, p. 231)

O surgimento da Lei nº 11.645 é uma das responsáveis por auxiliar esta mudança de perspectivas em relação aos povos indígenas e sua cultura. A abordagem dessa literatura contemporânea é uma novidade para os educadores e para os alunos, a sua difusão vem aumentando paulatinamente nas escolas e também nas universidades. A relevância do seu estudo e análise está voltada para preparar a nova geração a não reproduzir os mesmos quadros de exclusão e críticas sobre as sociedades indígenas brasileiras.

2 CONTOS DA FLORESTA, DE YAGUARÊ YAMÃ

O autor Yaguarê Yamã, que além de escritor é também artista plástico e ilustrador, neste conjunto de narrativas, buscou destacar alguns aspectos da cultura indígena Maraguá. No posfácio do livro, temos a descrição de quem é este povo:

Os povos indígenas Maraguá e Saterá-Mawé são dois povos diferentes, mas ligados por uma cultura próxima [...] A começar pelo lugar onde vivem: a região do baixo-Amazonas [...] houve ainda a

miscigenação entre os integrantes dos dois povos. O próprio autor é filho de pai Sateré e mãe Maraguá. Neste livro, todos os contos são da cultura Maraguá. Deixam claro por que esse povo é conhecido pelos ribeirinhos como o povo das histórias de assombração, tal o gosto que tem em contar casos de fantasmas. (YAMÃ, 2012, p.55)

Através de mitos e lendas, destaca as crenças, a fé e os valores que estes povos acreditam, bem como, acontecimentos do cotidiano, os medos e conflitos vivenciados em seu dia a dia. Essas histórias são passadas de geração em geração através da palavra, da tradição oral: “a palavra assume assim nos mitos de cada cultura uma força transcendental; nela deitam raízes os entes e os acontecimentos”. (BIDERMAN, 1998, p. 81). O autor indígena reconhece que, ao registrar esses contos tradicionais de uma nova forma, pelo livro, as novas gerações irão conhecer ou reconhecer as tradições em sua real essência, não falseada por vozes de outrem, é uma maneira de reivindicar seu direito de ter voz e enunciar pela palavra suas principais manifestações.

Para realizar a leitura do texto indígena, o educador deve estar preparado para que, em suas interpretações, não produza imagens preconceituosas ou com estereótipos em relação aos conteúdos narrados. Neles há certas especificidades que devem ser interpretadas com certa contextualização cultural e também levando em consideração a sua estética, pois ao analisar uma obra verifica-se certo hibridismo: “tem-se aí uma pluralidade de vozes e gêneros, o que demonstra a necessidade de discutir a questão do gênero nas obras indígenas” (THIÉL, 2012, p. 78). A questão de gênero literário das obras indígenas pode ser uma incógnita, pois se podem encontrar diversos gêneros dentro de um só livro, no caso da obra analisada, verifica-se uma interação entre a escrita com a multimodalidade, ou seja, ele é composto também por elementos visuais que auxiliam a compressão do sentido global do texto, pois esses elementos mexem com a imaginação do leitor levando-o a outras percepções.

A autora, Janice Thiél, traz para seu texto uma discussão feita por Paula Gunn Allen (1979) a respeito da subdivisão da literatura indígena em cerimonial e popular. Assim, “Para a autora a literatura cerimonial agrega [...] eventos lendários ou míticos; por sua vez, a literatura popular inclui canções de ninar, piadas [...]”

(THIÉL, 2012, p. 80 apud ALEEN, 1979, p. 236-237). Levando em consideração essa divisão, os gêneros discursivos mito (relato mítico) e o lendário são os que predominam na obra analisada. Segundo Coelho (2003, p. 9), “tanto o mito quanto a lenda podem ser classificados como “narrativas míticas” que se propõem a explicar a origem ou a razão de um fenômeno”; eles, o mito e a lenda, revelam alguns aspectos relacionados à crença e tradição do povo Maraguá.

2.1 O RELATO “AS MAKUKÁWAS”

A narrativa “As makukáwas” é classificada como um mito da cultura Maraguá, cuja história irá relatar um fato que ocorreu com um homem caçador e sua mulher. Certa vez, este saiu para caçar as aves Makukáwas na floresta, sua caça foi abundante, o que lhe causou um grande cansaço, esse chegou a sua casa zangado, e logo queria que sua mulher preparasse o jantar. A mulher, por preguiça, já que eram muitas aves para limpar, queria uma ajuda, então começou clamar que alguém lhe ajudasse: “Ah, tipuã, se você fosse um homem, na certa, não ficava aí cantando; viria me ajudar a fazer essa janta”. (YAMÃ, 2012, p.20).

Neste momento, um pássaro chamado “Tipuã” começou a cantar e alguns minutos um homem apareceu à porta, ele tinha algo diferente, seus pés eram como de pássaro. Ele ajudou a mulher a depenar todas as aves, mesmo ela estranhado, prosseguiu fazendo o jantar “Pensou, ‘Como pode? Isso não existe. Um homem com pés de pássaro, iguais aos do Tipuã”. (YAMÃ, 2012, p.20). O marido, quando chegou à cozinha, também não ligou para o homem, só queria comer logo, porém as aves não ficavam prontas, e com fome comeu apenas o caldo.

O homem pernas de pássaro sumiu, mas logo apareceu, “Com muito medo, ela continuou a abanar o fogo, mas sem deixar de olhar para o estranho. Queria preparar a janta o mais rápido possível, para o homem comer e ir embora [...]”. (YAMÃ, 2012, p. 22). De repente, algo estranho começou a acontecer, veio um vento muito forte e primeiro, as aves que estavam dentro da panela ficaram de olhos arregalados, logo depois outras reviveram e cantaram todas de uma só vez, o susto foi tremendo.

Depois de todo alvoroço, o homem pés de pássaro continuou no mesmo lugar, “O estranho, na verdade, era o bicho protetor da floresta – Makukawaguá, pai dos pássaros makukáwas” (Yamã, 2012, p.24), e olhando para eles deu uma lição: Não matar mais que o necessário para o consumo e não chamar quem não conhece, pois estavam instigando os espíritos da floresta, “No outro dia, o casal abandonou a casa e foi morar bem longe”. (YAMÃ, 2012, p.25).

Esta história faz parte do imagético Maraguá, caracterizado como um mito. Para Eliade, “O mito fala apenas do que realmente ocorreu, do que se manifestou plenamente. Os personagens dos mitos são os Entes Sobrenaturais. [...] Em suma os mitos descrevem as diversas e algumas vezes dramática, irrupções do sagrado (ou do “sobrenatural”) no Mundo.” (ELIADE, 2010, p. 11), traz em si as marcas do insólito, do diferente, levando o leitor para um mundo do encantamento, e nessa narrativa de Yamã, aconteceu, através da figura do homem pés de pássaro, que a realidade do indígena faz relação não só com o mundo terreno, mas também com o mundo sobrenatural.

O leitor, a partir dessas histórias, é convidado a aceitar a verdade desses acontecimentos que, neste caso, são ensinamentos relacionados aos que vivem na floresta, e presenciam diversas situações inexplicáveis, e veem seres que são sobrenaturais. Pode-se diagnosticar a intrínseca relação que o indígena possui com a natureza, quando traz em seus mitos a questão da valorização e cuidado com os pássaros Makukáwas, a partir da crença de que existe um protetor da floresta, que está a todo tempo observando e cuidando para que o homem não exceda para além do que necessita caçar ou faça algo que possa prejudicar alguma espécie. A floresta é vista como algo sagrado e, por isso, deve ser respeitada.

Ao adentrar neste mundo do mágico, o leitor também reconhece que “Os mitos falam dos segredos e das essências escondidas na palavra instituidora do universo [...] Os mitos procuram traduzir uma crença [...] as coisas existem e são o que são porque foram faladas” (BIDERMAN, 1998, p.81- 84). Essa palavra é extremamente valorizada em meio às tradições indígenas, acredita-se na força dela, que transmite valores sagrados para toda geração.

No mito “As makukáwas”, quando a mulher clama para que alguém apareça para ajudá-la, é comprovada essa força, no momento em que “do nada” o protetor da floresta aparece e lhe ajuda, porém ao final, ele aconselha para que não fique chamando qualquer um pra lhe ajudar, esse conselho que lhe é dado significa que não se deve ficar “jogando palavras ao vento”, pois pode ser que instigue alguma coisa ruim e esta pode retornar para lhe prejudicar, a própria passagem da narrativa deixa explícito este fato: “Não fale bobagem, chamando quem não conhece. As mães-da-floresta são vingativas não toleram gente tola. Se instigarem os espíritos da floresta novamente, volto para matar vocês” (YAMÃ, 2012 p.24)

2.2 O RELATO “DOIS VELHOS SURDOS”

A narrativa “Dois velhos surdos” é caracterizada como uma lenda do povo Maraguá. Ela irá retratar uma história de visajes (fantasmas), que invadiram uma aldeia considerada muito abençoada. Nessas redondezas, muitos falavam dessas assombrações, mas, em uma aldeia específica, nunca havia acontecido nada de sobrenatural que causasse medo, pois o pajé tinha certeza de que ela era abençoada, mas tudo mudou quando “visajes de todos os tipos e espécies passaram a rondar a aldeia e assombrar os moradores” (Yamã, 2012, p.47).

A partir deste momento, todos começaram a se mudar, ficaram apenas dois velhinhos que, a cada dia, ficavam mais surdos e não ficavam sabendo das notícias dos fantasmas, quando se deram conta estavam apenas os dois na aldeia. O diálogo dos dois era muito alto, o que acabou levando-os a uma enrascada. Um dia uma grande luz apareceu no horizonte; e para avisar a mulher o que estava acontecendo, o senhor precisava gritar: “- VELHA, TEM ALGUÉM FOCANDO ALI” (YAMÃ, 2012, p.50), mas, como ela não entendia, cada vez o grito era mais alto e a luz ia se aproximando.

Ao entender, se trancaram no quarto até perceberem que o fogo havia ido em bora, eram duas visajes que queriam pegá-los: “abram esta porta, senão vamos arrombá-la e comer vocês!” (YAMÃ, 2012, p.51). Os velhos não ouviam nada, ficaram apenas parados, até que as visajes fossem. Mas, quando foram confirmar

tudo o que havia passado, começaram a gritar para que se escutassem, e os fantasmas perceberam que havia gente na casa e retornaram para devorá-los.

Para Costa (2016, p. 34), “As lendas têm importante papel na formação identitária do ser humano. A ação de recontar as lendas permite aos envolvidos (narrador e ouvinte) exercitar sua memória, vivenciar sua cultura, mantendo uma importante relação entre o natural e o sobrenatural”. Esta lenda é responsável por transmitir ensinamentos a respeito das crenças indígenas, em relação às visajes, que para o povo amazônico são histórias de fantasmas, e o povo Maraguá “é conhecido pelos ribeirinhos como o povo das histórias de assombração” (YAMÃ, 2012, P. 20). Além disso, também demonstra, através dos dois personagens, alguns aspectos de cumplicidade e companheirismo que são de extrema importância dentro de uma comunidade.

No caso da aldeia, onde os velhos habitavam, não houve tanta empatia para com ele, pois todos acabaram se mudando para outro lugar, e ficaram apenas os dois, sem informações, vivendo apenas seus dias normais, observando a natureza, caçando etc. Ao se depararem com as assombrações, não tinham noção do que estava acontecendo a dias, e o futuro deles foi a morte; somente depois de alguns dias foi que a comunidade voltou para ver como eles estavam, mas já era tarde. A lenda fica entre o humor e o trágico, é uma história que leva a partir destas perspectivas ensinamentos àqueles que as ouvem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estas narrativas, de autoria indígena levam o leitor a visualizar a verdadeira essência da cultura. Ao transpor os relatos da oralidade para a escrita, o autor contribui de maneira significativa para a conservação da memória, da identidade e dos valores de sua comunidade; coloca no papel toda história que os mais antigos tentam conservar ao passar para as demais gerações.

Ao trabalhar essa literatura nas salas de aulas, o professor transmitirá conhecimentos para que os alunos possam se informar, conhecer e também se aprofundar a respeito das várias tradições e costumes que são estereotipados pela

doxa. Essa será uma oportunidade para que possam criar seus próprios conceitos e ideias a respeito desta cultura. A literatura indígena traz consigo um conteúdo diferenciado, a partir de seus mitos e lendas, sobre questões da natureza, da tradição, do cotidiano, da culinária, da convivência etc.: “é, portanto, ser portadora da boa notícia do (re)encontro. Ela não destrói a memória na medida em que reforça e acrescenta ao repertório tradicional outros fatos que atualizam o pensar ancestral” (MUNDURUKU, 2018, p.83).

Os mitos e as lendas presentes nesta obra estão cheios de conhecimento de mundo, a partir de personagens considerados guardiões, anciões que transmitem sempre algum ensinamento sobre respeitar, cuidar, e preservar a natureza e o outro. A partir das histórias atípicas, por trazer histórias de fantasmas, de protetores da floresta que se vingam, o autor chama atenção para questões importantes para a cultura, que devem ser vistas e entendidas de maneira respeitosa, pois significam e refletem os valores ideológicos e crenças que os indígenas acreditam. Logo, desrespeitar essas histórias, também é desrespeitar este povo.

É evidente que essa literatura busca desconstruir algumas noções que permeiam a sociedade a respeito de seu povo, sua intenção é criar novos moldes e despertar novos olhares, para que o forte pensamento negativo que permeou durante vários anos ao redor da cultura indígena seja exterminado e as futuras gerações vejam a grande riqueza intelectual e cultural presente nessas etnias.

REFERÊNCIAS

- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. **Dimensões da palavra**. Filologia e linguística portuguesa, v. 2, n. 1, p. 81-118, 1998.
- COSTA, Jaqueline Gomes da. **Identidade e cultura Amazônica em obras da literatura infantojuvenil**. 2016. Dissertação (Mestrado em Letras) Fundação Universidade Federal Rondônia, Porto Velho.
- COELHO, Maria do Carmo Pereira. **As narrativas da cultura indígena da Amazônia: lendas e histórias**. 2003. Tese (Doutorado em Linguística) – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo.
- DORRICO, Julie; DANNER, Leno Francisco, CORREIRA, Heloisa Helena Siqueira; DANNER, Fernando (Orgs.). **Literatura indígena brasileira contemporânea: criação, crítica e recepção**. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2018.

ELIADE, Mircea. **Mito e realidade**. trad. Pola Civelle. São Paulo: Perspectiva, 2010.

THIÉL, Janice. **Pele silenciosa, pele sonora: a literatura indígena em destaque**. Belo Horizonte: Autentica Editora, 2012.

YAMÃ, Jaguarê. **Contos da floresta**. 1. Ed. São Paulo: Peirópolis, 2016.